

## Encontrando Bianca: a travestilidade no Kit Anti-Homofobia<sup>1</sup>

### Resumo

É importante refletir sobre a travestilidade e a possibilidade de debates frente à temática da diversidade sexual, principalmente a partir da utilização de vídeos como recursos pedagógicos eficazes. Este artigo tem por objetivo descrever e analisar criticamente o vídeo Encontrando Bianca, que compõe o “DVD Torpedo”, parte integrante do material do Kit Anti-Homofobia. A partir de uma descrição geral de seu conteúdo, forma e imagens, foram organizadas duas categorias de conteúdo temáticas: (1) Sexismo e heteronormatividade na escola e na família e (2) Olhares para subjetividade. Evidencia-se que o vídeo, apesar de ter sido pensado para problematizar questões da diversidade sexual, reafirma estereótipos e reproduz padrões definidores de normalidade aceita. É necessário dialogar sobre o vídeo a partir de sua ressignificação para a utilização como material educativo na escola.

**Palavras-chave:** Educação Sexual; Travestis; Homofobia nas Escolas; Kit Anti-Homofobia.

**Ricardo Desidério da Silva**  
Universidade Estadual do Paraná  
– UNESPAR – PR/Brasil  
contatodesiderio@hotmail.com

**Ana Cláudia Bortolozzi Maia**  
Universidade Estadual Paulista –  
UNESP – SP/Brasil  
aclaudia@fc.unesp.br

### Para citar este artigo:

SILVA, Ricardo Desidério da; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Encontrando Bianca: a travestilidade no Kit Anti-Homofobia. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 58-83, maio/ago. 2016.

**DOI: 10.5965/1984723817342016058**

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723817342016058>

<sup>1</sup> Este trabalho é parte da tese de doutorado “Educação Audiovisual da Sexualidade: olhares a partir do Kit Anti-Homofobia” do primeiro autor, sob orientação da segunda autora, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus Araraquara-SP (SILVA, 2015).

## Finding Bianca: the transvestite in Anti-Homofobia Kit

### **Abstract**

It's important to reflect on the transvestite and the possibility of facing debates the issue of sexual diversity, mainly from the use of videos as effective teaching resources. This article aims to describe and critically analyze the video Finding Bianca that makes up the "DVD Torpedo", part of the material of the Anti-Homophobia Kit. From an overview of its content, form and images, they were organized two thematic content categories: (1) Sexism and heteronormativity in school and in the family and (2) looks for subjectivity. It is evident that the video despite being designed to discuss issues of sexual diversity, reaffirms stereotypes and plays defining standards of normality accepted. You need to talk about the video from its reinterpretation for use as educational material in school.

**Keywords:** Sexual Education; Transvestites; Homophobia in Schools; Anti-Homophobia Kit.

## Introdução

As problematizações sobre a diversidade sexual dentro da escola são cada vez mais necessárias, na medida em que elas constituem os estudantes e a todos na escola que respondem a uma lógica de poder que impõe padrões rígidos sobre a nossa sexualidade. Desde o nascimento, recebemos marcas pré-estabelecidas de ser homem e ser mulher e ao ingressar na escola, meninos e meninas já respondem a essa lógica, respondendo as regras sociais, construindo um conceito desse significado e de seu papel na sociedade. Segundo Junqueira (2009b, p.375), existem várias “normas, injunções disciplinadoras e disposições de controle voltadas a estabelecer e a determinar padrões e imposições normalizantes no que concerne a corpo, gênero, sexualidade.”

Nunes e Silva (2006) nos lembram de que todos nós, pesquisadores e estudiosos no campo da Educação Sexual, nos preocupamos em reduzir o sexismo e os estereótipos sexuais ainda existentes em nossa sociedade. Sexismo, ou preconceito de gênero denominado pelos autores, consiste “em identificar características que evoquem determinismos diferenciais e conceituações significativas pejorativas entre as identidades de gênero” (NUNES; SILVA, 2006, p. 68-69), e, quando adentramos no campo da diversidade sexual, um aspecto muito importante diz respeito à identidade sexual e à identidade de gênero que podem ser definidas como:

A primeira diz respeito ao processo de identificar-se psicologicamente como homem ou mulher, o que poderia ser designado, de forma simples, de sexo psicológico, e que se dá, comumente, antes de se completar o segundo ano de vida. A identidade de gênero, isto é, o sexo social, refere-se ao processo pessoal de estruturação e direcionamento de comportamentos e de condutas sociais (forma de falar, de se vestir, de andar etc.) para um esquema masculino ou para um esquema feminino, ambos construídos social e culturalmente. (FIGUEIRÓ, 2007, p. 4)

Assim, as identidades (sexual e de gênero) e a orientação sexual, aqui entendida como a orientação do desejo, que pode voltar-se para pessoas de mesmo sexo (homossexualidade), de sexo oposto (heterossexualidade) ou ambos (bissexualidade ou ambissexualidade), constituem o que Figueiró (2007) denomina de “identidade pessoal” e

esta identidade, portanto, configura-se como uma ampla diversidade sexual (pessoas heterossexuais, homossexuais, bissexuais e transgêneras - travestis e transexuais).

A heterossexualidade historicamente foi marcada como sendo a única expressão desejável e aceita; ainda é considerada dominante como símbolo de poder e imposta pela sociedade como expressão legítima e “normal” da sexualidade, colocando tudo o mais no lugar de “desvio”.

Nas relações de gênero, Louro (2009), afirma que, em nossa cultura, a heteronormatividade se dá de forma muito mais intensa e/ou mais visível em relação ao gênero masculino. E essas situações levam à expressão da homofobia.

A homofobia, nesse sentido, transcende tantos aspectos de ordem psicológica, quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo, etc. Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitários, todos voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero. (JUNQUEIRA, 2009b, p. 375)

Costa (2002, p. 21) acredita que existam pessoas que sentem “diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico”, porém, prefere “a noção de homoerotismo a de ‘homossexualismo’”, justificando-a por três razões:

Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão à doença, desvio, anormalidade, perversão, etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra “homossexual”. Segundo, porque nega a ideia de que existe algo como “uma substância homossexual” orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do “homossexualismo” de onde derivou o substantivo “homossexual”. (COSTA, 2002, p. 21-22)

Pessoas consideradas homossexuais, segundo Couto (1999), pertencem a um sexo, seja masculino ou feminino e elegem como objeto erótico pessoas de mesmo sexo, mas não têm o desejo de “mudar” de sexo, nem o discriminam<sup>2</sup>. No caso dos transgêneros, a caracterização ocorre pelo desejo de pertencimento a um sexo que não constitui ao de seu nascimento ou aquilo que os padrões o determinam como tal. Atualmente, tanto as travestis, quanto as/os transexuais são denominadas de transgêneros, que, segundo Mott (2003, p. 15), “incluem todas as pessoas que assumem socialmente o *papel de gênero* oposto ao sexo biológico de seu nascimento”. As travestis são pessoas que adotam modos de se comportar, ou de comunicar, semelhantes ao do outro sexo. A travesti, quando homem, se realiza vestindo-se e apresentando-se como mulher e, eventualmente, fazendo alteração no corpo, como aplicações de silicone, mas não costuma alterar seus órgãos genitais (EGYPTO, 2005).

A transexual, ainda segundo Egypto (2005, p. 71), “é uma pessoa que acredita que seu corpo não corresponde a sua identidade psíquica. A pessoa se sente mulher num corpo de homem ou homem num corpo de mulher”, chegando até a realizar operações de transgenitalização ou adequação genital, autorizadas no Brasil desde 1997 (MOTT, 2003).

Peres (2009, p. 236), de modo bem simplificado, define

as travestis como pessoas que se identificam com a imagem e o estilo feminino, apropriando-se de indumentárias e adereços de sua estética, realizando com frequência a transformação de seus corpos, quer por meio de ingestão de hormônios, quer através da aplicação de silicone industrial e das cirurgias de correção estética e de próteses. As transexuais são pessoas com demandas de cirurgias de mudança de sexo e de identidade civil, demandas que não encontramos nas reivindicações emancipatórias das travestis. Já as transgêneros são pessoas que se caracterizam esteticamente por orientação do gênero oposto, não se mantendo o tempo todo nesta caracterização, como o fazem as travestis e as transexuais. Como exemplos destas últimas, podemos elencar as/os transformistas, as drags queens, os drag kings etc.

---

<sup>2</sup> Tomamos essa definição apresentada pelo autor apenas para fins didáticos, pois compreendemos a homossexualidade como uma realidade ontológica.

Estas definições nos possibilitam aproximar mais deste campo da diversidade sexual que ainda hoje, precisa ser melhor explorado no âmbito escolar, principalmente nas ações e políticas públicas para inserção de uma Educação Sexual nas escolas. Nunes e Silva (2006) nos alertam para uma Educação Sexual repressora, já que a mesma tem o sexismo como principal forma de ação, principalmente em se tratando das atitudes que ocorrem entre estudantes e educadores no ambiente escolar. Com isso, muitas das abordagens da sexualidade ainda presentes em nossa sociedade se dão por esse sexismo atrelado ao senso comum, o que reforça ainda mais o descompromisso com a temática da diversidade sexual.

O sexismo e as manifestações de violência, ainda tão evidentes nas escolas, principalmente em relação ao preconceito e discriminação quanto à lesbofobia, à homofobia e à transfobia, são expressas muitas vezes por meio da violência simbólica, e que nem por isso deixa de ser tão desumana segundo Ferrari (2003). Assim, todas estas ações discriminatórias presente nas instituições de ensino nos levam a pensar em ações que possam permitir estes diálogos tão necessários.

Diante do exposto, consideramos importante analisar materiais que, em tese, seriam destinados à problematização dessa temática no contexto escolar, como o vídeo descrito a seguir.

## Método

Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa-descritiva, do tipo documental, que teve por objetivo descrever e analisar o vídeo “Encontrando Bianca”, parte integrante do Kit Anti-Homofobia, sendo o mesmo pertencente ao “DVD Torpedo” (nome dado ao conjunto dos três vídeos). Este material, mesmo tendo sido vetada a sua distribuição, pode ser encontrado no site YouTube<sup>3</sup>.

O presente artigo apresenta a análise deste vídeo, tanto em seu conteúdo (transcrito) quanto de suas imagens, a partir da técnica da Análise de Conteúdo, segundo a modalidade denominada Temática, conforme o que dispõe Bardin (2007).

---

<sup>3</sup> "Encontrando Bianca".

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fVGSrP-W3OM&feature=related>>.

## Resultados e discussão

### Descrição do material<sup>4</sup>

O DVD *Encontrando Bianca* faz parte do kit de material do Projeto Escola sem Homofobia, que tem por objetivo a promoção do reconhecimento da diversidade de orientação sexual e de identidade de gênero e do enfrentamento à homofobia, à lesbofobia e à transfobia nas escolas.

Três vídeos/histórias (Torpedo, Encontrando Bianca e Probabilidade) compõem o DVD Torpedo, porém para este artigo tomaremos como base apenas o vídeo *Encontrando Bianca* conforme quadro abaixo:

<b>Vídeo</b>	ENCONTRANDO BIANCA
<b>Tema central</b>	Travestilidade/transsexualidade
<b>Sinopse</b>	Narrativa ficcional em primeira pessoa e no tempo presente, num tom confessional em que, como num diário íntimo, José Ricardo (Bianca) revela como descobriu sua identidade de gênero e a busca de respeito à sua condição de travesti. Acompanhamos, assim, a trajetória de Bianca no ambiente escolar, em que se mostram: sua tendência a se aproximar do universo das colegas e a se identificar com elas; a reação das/dos colegas na primeira vez em que foi para a escola com as unhas pintadas; a dificuldade em conseguir ser chamada pelo nome feminino que adotou; os problemas por não conseguir utilizar sem constrangimentos tanto o banheiro feminino quanto o masculino; as ameaças e agressões, de um lado, e os poucos apoios do outro.
<b>Personagem principal</b>	José Ricardo (Bianca)
<b>Contexto</b>	Escola/ Quadra de esporte, Sala de aula e pátio da escola.
<b>Duração</b>	3'41"

Quadro 1: Informações sobre o vídeo Encontrando Bianca.

Para que possamos compreender melhor o desenvolvimento da história apresentada no vídeo, inicialmente será apresentada a transcrição de sua narrativa<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Estas informações fazem parte do “Guia de discussão e proposta de dinâmicas para trabalhar com o DVD”. Torpedo/Escola Sem Homofobia. s/n.

<sup>5</sup> Transcrição realizada pelos autores.

## O vídeo *Encontrando Bianca* – análise

[música ao fundo]

[início da narração em primeira pessoa]

[na quadra esportiva da escola]

Quando nasci, meu pai e minha mãe me deram o nome de José Ricardo. É o nome de um grande jogador de futebol. Artilheiro em um campeonato que eu não me lembro qual. O sonho do meu pai era que eu fosse jogador. Eu chutava bem, sabia driblar, mas era complicado... [risos e gargalhadas ao fundo], que quando eu errava um lance sempre sobrava uma piadinha a mais pra mim. [risos] [barulho ao fundo] Não tinha jeito!

Eu continuo gostando de futebol, mas hoje prefiro ficar na torcida, adoro assistir uma partida bem jogada. [pequena pausa] Eu me lembro do primeiro dia que fui à escola de unhas pintadas de vermelho, zoaram tanto comigo que não fui à escola no dia seguinte. Inventei para minha mãe que eu estava com gripe. Mas não tinha como! Aquelas roupas de meninos, aquele cabelo, não tinham nada a ver comigo. Me sinto bem assim, como sou hoje. Sendo chamada pelo nome de minha atriz preferida (risos), Bianca!

[o sinal toca]

Quem me vê hoje, pode achar que tudo foi fácil, mas não foi, não. Sofri muito preconceito, e demorou muito para as pessoas começarem a me aceitar. Meu pai e minha mãe ficaram sem falar comigo quase um ano, demorou um pouco, mas acabaram entendendo que eu me sentia mulher e que continuava sendo a filha deles.

[o sinal toca]

[na frente das portas dos banheiros masculino e feminino]

Sendo a Bianca, eu deveria usar o banheiro feminino, mas geralmente não me deixam. Por que não? Se eu me sinto mulher! Aliás, esse lance de banheiro já deveria estar superado!

[o sinal toca]

[na sala de aula]

Às vezes não me chamam de Bianca, apesar de saber que eu quero ser tratada assim. Me tratam pelo nome que está no diário de classe. Será que é tão complicado simplesmente anotar o outro nome ao lado do que está na chamada? Mas alguns professores e professoras já entenderam quem eu sou: Bianca!

Eu sou diferente da maioria, mas pensando bem, todo mundo é diferente de todo mundo. Cada um tem seu jeito, seus gostos, cada um tem uma maneira diferente de viver a vida.

Eu gosto de estudar e sou boa aluna. Fiquei só uma vez de recuperação, mas tem dias em que vir para escola é um castigo. Tem horas que eu fico com medo de ser agredida. Uma vez quase me bateram, diziam que gente como eu não deveria estar aqui. Às vezes eu acho que não vou conseguir acabar a escola. Eu quero me formar e poder trabalhar. Eu quero ser professora, mas como vou conseguir ensinar os outros se eu não estudar?

[o sinal toca]

[do lado de fora da sala de aula]

Tem muita gente que me apoia aqui na escola! Inclusive professores e professoras! E são essas pessoas que me ajudam ter a força de continuar estudando, de continuar vivendo a minha vida do jeito que eu quero. Respeitando e lutando para ser respeitada, sendo quem eu sou: Bianca! É [suspiro], Bianca!

[Bianca aparece sorrindo]

O vídeo *Encontrando Bianca*, com duração de 3'41", traz uma sequência de 124 planos e nele, percebemos pontos relevantes a serem observados em sua narrativa. Com base nas unidades temáticas foi possível compreender, interpretar e analisar suas tramas. Assim, destacam-se duas categorias temáticas e suas intencionalidades presentes no vídeo *Encontrando Bianca*.

## TEMA 01: Sexismo e heteronormatividade na escola e na família

No vídeo é possível observar as relações de gênero na educação física escolar, em que não há presença de meninas, só de meninos na atividade física. Estes tipos de abordagens ainda são frequentes nas aulas de educação física, conforme nos apresentam Abreu (1995), Altmann (1998), Souza e Altmann (1999) e Dornelles (2007 e 2011). Altmann (1998) afirma que há uma grande evidência de que o esporte é uma atividade predominantemente masculina e o que poderia proporcionar aos alunos a superação das relações desiguais de gênero, acaba não acontecendo nestas aulas por meio de seus educadores. Para a autora, separar meninos e meninas nas aulas é “tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são e negar a meninas e meninos a possibilidade de cruzá-las; é furtar-lhes de antemão a possibilidade de escolha entre estarem juntos e separados” (ALTMANN, 1998, p.103).

Nos planos iniciais do vídeo *Encontrando Bianca*, os meninos aparecem jogando futebol, mostrando a força e a garra, principalmente em um jogo que é social e culturalmente, ainda confirmado, uma modalidade masculina. Isto acaba corroborando exatamente com o que nos afirma Gonçalves:

[...] Nas atitudes sexistas comuns em escolas, por exemplo, estão aquelas que ridicularizam expressões de emoção nos garotos ou de rebeldia nas garotas. Ambos estão fora dos padrões estabelecidos nos quais prevalece a tese de que rebeldia e agressividade são atributos masculinos, e afetividade e emotividade, femininos. (1999, p. 203)

Por se tratar de um vídeo educativo, estes fragmentos do material não deveriam reforçar esta segmentação de meninos e meninas nas aulas de educação física. Para Dornelles (2011), esta forma de ser menino e de ser menina “produz hierarquias e desigualdades” (p. 27). Uma observação também evidente na prática esportiva dos meninos no vídeo *Encontrando Bianca* é que os mesmos não fazem uso de uniformes, adequados para tais práticas, podendo reforçar e colaborar com o descompromisso dos alunos nas aulas de educação física no uso de tais vestimentas.

No vídeo pode haver uma afirmação quanto aos estereótipos e/ou reforçando a heteronormatividade além, é claro, da violência (*bullying*<sup>6</sup>) a começar quando Bianca narra a sua relação inicial com seus pais:

Quem me vê hoje, pode achar que tudo foi fácil, mas não foi, não. Sofri muito preconceito, e demorou muito para as pessoas começarem a me aceitar. Meu pai e minha mãe ficaram sem falar comigo quase um ano, demorou um pouco, mas acabaram entendendo que eu me sentia mulher e que continuava sendo a filha deles<sup>7</sup>.

Peres (2005), em sua tese “Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania” apresenta, a partir de observações etnográficas e entrevistas junto às travestis brasileiras militantes, que nas cartografias das histórias de vida das travestis, “as negativas de aceitação por parte dos familiares e amigos, que reprimem a expressão genuína de seus desejos, impondo modelos de como se comportarem socialmente” (p. 192) é um período de confusão para sua própria identidade. Ainda para esse autor, “seguindo as exclusões familiares, as opressões seguem presentes nas relações que as mesmas estabelecem com a comunidade, **a escola**, com os serviços de saúde e outros segmentos sociais” (p. 192, grifo nosso). Este fato fica evidente nos planos dos vídeos *Encontrando Bianca* em que um garoto faz gestos e provocações contra Bianca.

Outra observação é que diante da situação, em nenhum momento há a interlocução da professora, que está em sala, nem dos colegas que estão sentados nas outras carteiras ao seu lado. Para Peres (2005),

Na relação que estabelecem com a escola, as cartografias sugerem a presença de discriminações que são experimentadas nas relações com os colegas, funcionários e professores, os quais, ao invés de problematizar a estigmatização, reificam, na prática, os indivíduos com ações de

---

<sup>6</sup> *Bullying* é um termo da língua inglesa (*bully* = “valentão”), que se refere a todas as formas de agressão, verbal ou física, repetitivas e intencionais. Os casos de *bullying* têm o objetivo de intimidar ou agredir a outra pessoa, sem que ela tenha a possibilidade de defesa. O *bullying* é um problema de caráter mundial, que atinge crianças de todas as idades e posições sociais. Além da agressão, apelidos que humilhem as crianças também são considerados *bullying*.

Disponível em: < <http://amadurecenciaa.wordpress.com/page/2/>>, acesso em 21 de julho de 2014.

<sup>7</sup> Transcrição do autor.

exclusão. Nos relatos realizados por nossas colaboradoras, muitas cenas aparecem como norteadoras dessas ações, culminando em expulsões, ou, em abandono da escola, por não suportarem as intensidades das discriminações e preconceitos que as impedem de exercer o direito fundamental de suas singularidades. (PERES, 2005, p. 193)

Esta ação de violência sofrida por Bianca no vídeo, se analisada, é evidenciada pelo mesmo garoto que, na aula de educação física, marca o gol. Ou seja, novamente reforça o estereótipo de masculinidade. “Essa forma de significar a masculinidade se insere na própria história das relações de gênero, na trilha da qual a figura masculina foi sendo engendrada através dos atributos da força, da virilidade e também poder” (FELICÍSSIMO, 2014, p. 185).

Esta mesma masculinidade é evidente na narração inicial de Bianca, ao afirmar que quando nasceu, seus pais lhe deram o nome de José Ricardo. Este nome foi inspirado em um grande jogador de futebol, artilheiro de um campeonato na época de seu nascimento. E afirma “o sonho do meu pai, era que eu fosse jogador de futebol”. Conforme Felicíssimo (2014), só neste ato, “evidencia-se a expectativa do pai em relação ao filho: [...] O sujeito se torna, então, mobilizado pelo dever-fazer (prescrição), ou seja, dever-jogar futebol, esporte tipicamente masculino, enquadrando-se na perspectiva heteronormativa” (p. 184).

Entretanto, Bianca afirma em sua narração que gostava de jogar futebol, mas deixa clara a violência simbólica sofrida pelos demais colegas: “Eu chutava bem, sabia driblar, mas era complicado... [risos e gargalhadas ao fundo], que **quando eu errava um lance sempre sobrava uma piadinha a mais pra mim**” (grifo nosso). Por conta dessas atitudes e, estando certos de que nessas aulas havia a presença de um professor, mas que o mesmo provavelmente fazia de conta que nada estava acontecendo, o vídeo retrata exatamente a posição de Bianca de ainda continuar gostando de futebol, mas hoje preferindo ficar na torcida, mesmo sabendo que não haveria problema algum que as meninas pudessem jogar futebol com os meninos.

Na mesma perspectiva heteronormativa imposta à partida de futebol, Finco (2003), afirma que as brincadeiras que culturalmente se manifestam às questões de gênero, são determinadas como sendo de meninos e de meninas. No vídeo, podemos

observar o mesmo enquadramento no comportamento apresentado por Bianca e suas amigas na arquibancada. As mesmas aparecem o tempo todo com as pernas cruzadas, o que nos possibilita pensar nesta mesma relação heteronormativa quanto aos papéis e comportamentos pré-determinados para os quais meninos e meninas são educados. Um exemplo disso é que meninas devem sempre sentar com as pernas fechadas.

Entretanto, é possível observar que essa transfobia – aversão às travestis, transexuais e transgêneros, ganha espaço no ambiente escolar vivido por Bianca, evidente também na sua narração: “Tem horas que eu fico com medo de ser agredida. Uma vez quase me bateram, diziam que gente como eu não deveria estar aqui”. Isto nos possibilita pensar como tem se dado essa prática em nossas escolas.

No vídeo *Encontrando Bianca*, a única figura adulta que é apresentada é a de uma professora. Mesmo que Bianca afirme que tem muita gente que a apoia na escola, inclusive alguns professores, a mesma acabou não fazendo nada quando Bianca passa por um episódio de transfobia por parte do colega de classe. Há então, um silenciamento da escola sobre a discriminação, exclusão e até sobre o controle da homossexualidade (CAVALEIRO, 2009).

O processo de invisibilização de homossexuais, bissexuais e transgêneros no espaço escolar precisa ser desestabilizado. [...], as temáticas relativas às homossexualidades, bissexualidades e transgeneridades são invisíveis no currículo, no livro didático e até mesmo nas discussões sobre direitos humanos na escola. (JUNQUEIRA, 2009, p. 31)

Com isso, os vídeos deixam clara a função da escola. E é exatamente o que Junqueira (2009a) nos afirma quando diz que “a escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT” (p. 15). Para o autor, toda essa violência se faz “com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado” (idem), tornando-se assim, conforme nos apresenta Peres (2009), “[...] escola-política, escola-igreja, escola-tribunal, orientadas por tecnologias sofisticadas de poder centradas na disciplina dos corpos e na regulação dos prazeres” (p. 249).

Como afirma Louro (1997, p. 67-68), “ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los’, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da norma”. Talvez este silenciamento (representado pela professora no vídeo) seja uma espécie de garantia da norma aplicado ao material.

Entretanto, o vídeo consegue demonstrar o resgate do erótico, que é “encarar a sexualidade como algo bonito e bom na vida das pessoas, lutando por eliminar a visão que tem predominado: a de algo ‘sujo’, ‘feio’ e ‘vergonhoso’, assim como a visão de que é um assunto do qual não se deve falar” (FIGUEIRÓ, 2010, p.131), no momento em que, no final da partida de futebol, quando o sinal toca e os meninos saem da quadra de esportes, o último deles para por um instante e observa Bianca; ela também o observa e ele, andando, para novamente e lhe abre um sorriso, ao qual ela corresponde.

E é exatamente esse resgate que possibilitaria a todos perceber/sentir/compreender a passagem de uma sexualidade “vulgar” (todos os olhares de desprezo dos outros alunos) para uma sexualidade compreendida e vivida de forma positiva por meio de sua beleza, sem preconceitos e tabus (a travesti Bianca).

Em outro ponto observável no vídeo, questionamos se o material estaria nos proporcionando uma educação ou deseducação sexual? Este fato se dá, pois é evidente quando a partida de futebol termina e o sinal toca, os meninos vão saindo da quadra, inclusive as duas amigas e o amigo que estavam na arquibancada com Bianca. Em seguida observamos que um último garoto saiu da quadra e para por um instante observando Bianca. Bianca o observa e ele, andando, para novamente e abre um sorriso para Bianca, que corresponde.

O vídeo *Encontrando Bianca*, consegue num primeiro momento fazer algo muito positivo nessa expressão, – o resgate do erótico, que é “encarar a sexualidade como algo bonito e bom na vida das pessoas, lutando por eliminar a visão que tem predominado: a de algo ‘sujo’, ‘feio’ e ‘vergonhoso’, assim como a visão de que é um assunto do qual não se deve falar” (FIGUEIRÓ, 2010, p.131). E é exatamente o resgate erótico, que possibilitaria a todos perceber/sentir/compreender a passagem de uma sexualidade “vulgar” (todos os olhares de desprezo dos outros alunos) para uma sexualidade

compreendida e vivida de forma positiva por meio de sua beleza, sem preconceitos e tabus (a travesti Bianca).

Assim, ao possibilitarmos uma educação estética aos trabalhos de Educação Sexual, teríamos, de um lado, este resgate do erótico e, de outro lado, o que Figueiró (2010) denomina de “resgate de gênero”. Neste sentido, a autora ao nos propor este resgate de gênero, também pertencente ao conceito de educação estética, inicialmente proposto por Vasconcelos (1971) nos faz lembrar que isto implicaria dizer que

[...] homens e mulheres possam, em conjunto, de acordo com as necessidades de cada momento histórico, reavaliar a forma de viver e as possibilidades de ação de cada um, seus deveres e seus direitos, e viabilizar as mudanças na forma de viver e de atuar na sociedade, com a preocupação sempre central de conquistar o bem-estar, o crescimento pessoal e felicidade de ambos, num ambiente no qual nenhum sexo vale mais que o outro e onde todos – homens e mulheres – sejam merecedores de direitos iguais. (FIGUEIRÓ, 2010, p. 130)

No vídeo ainda destacam-se dois pontos importantes que retratam a violência, fortemente arraigada no ambiente escolar. O primeiro diz respeito ao uso do banheiro, em que Bianca relata que “Sendo Bianca, **eu deveria usar o banheiro feminino, mas geralmente não me deixam**. Por que não? Se eu me sinto mulher! Aliás, esse lance de banheiro já deveria estar superado!” (grifo nosso).

No Estado do Paraná, no dia 08 de novembro de 2010 foi assinada na Secretaria de Estado da Educação/Superintendência da Educação, pelo chefe do Departamento da Diversidade, a ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA n. 001/2010 – DEDI/SEED (PARANÁ, 2010b) que visa ao respeito à cidadania e aos direitos humanos, bem como à garantia ao acesso e permanência na escola, principalmente em se tratando de alunas travestis, como é o caso de Bianca. Nesta orientação, (PARANÁ, 2010b) há uma observação quanto ao uso do banheiro, a fim de orientar toda comunidade escolar a respeito das travestis e/ou transexuais:

(...) **Quanto ao uso do banheiro**, orienta-se que os/as transexuais e travestis utilizem o banheiro das/os alunas/os de acordo com a identidade de gênero que apresentam. Ressalta-se que a arquitetura da

escola não precisará sofrer qualquer alteração, ou seja, não é preciso construir um terceiro banheiro, bem como, também não se orienta que as/os alunas/os travestis e/ou transexuais utilizem o banheiro das/dos professoras/es ou de deficientes<sup>8</sup>. (...) Importante ressaltar que a arquitetura do banheiro feminino historicamente encontra-se organizada para garantir a privacidade de quem o utiliza, assim como o banheiro masculino apresenta espaços privativos para atender as necessidades para a sua utilização. Caso haja dúvidas acerca deste encaminhamento entende-se que as mesmas devam ser refletidas e problematizadas a fim de superar o preconceito e as práticas discriminatórias para com as pessoas travestis e transexuais nas escolas. Orienta-se em realizar reflexões utilizando exemplos da existência de vários locais públicos em que homens e mulheres utilizam os mesmos banheiros, pois não existem as divisões por sexo. Assim também, na esfera privada, vale observar que a maioria das famílias brasileiras utiliza o mesmo banheiro sem distinção por sexo, enfatizando o respeito entre todas e todos.  
(PARANÁ, 2010b, s/p)

Assim como Bianca nos faz lembrar que “[...] esse lance de banheiro já deveria estar superado”, que o exemplo de orientação realizada pelo Estado do Paraná, seja não só refletido, mas efetivado na prática de todas as escolas.

Outro ponto apresentado no vídeo é a respeito do nome social. Por mais que Bianca afirme que alguns professores já entenderam que ela deve ser chamada por Bianca, relata que “Às vezes não me chamam de Bianca, apesar de saber que eu quero ser tratada assim. Me tratam pelo nome que está no diário de classe. Será que é tão complicado simplesmente anotar o outro nome ao lado do que está na chamada?”.

Peres (2005) afirma que as travestis vivenciam “dificuldades em serem aceitas como pessoas que solicitam serem chamadas pelo feminino, dadas as suas caracterizações estéticas, em situações de atendimento à saúde, na educação e na segurança pública” (p. 194).

No dia 20 de maio de 2010, no Estado do Paraná, a Secretaria de Estado da Educação/Superintendência da Educação e Superintendência de Desenvolvimento Educacional/Diretoria de Administração Escolar assinavam a Instrução Conjunta n. 02/2010 – SEED/SUED/DAE (PARANÁ, 2010a) que, considerando o Parecer n. 04/09 do Ministério Público/Paraná e o Parecer CP/CEE n. 01/09, recomendam às instituições do Sistema

---

<sup>8</sup> Entendemos como mais apropriado o termo “pessoa com deficiência” no lugar de “deficiente”, apresentado na orientação.

Estadual de Ensino do Paraná, por meio de seus colegiados, a promoção de amplo debate sobre a inclusão do nome social do aluno e/ou da aluna travesti ou transexual nos documentos escolares internos, instituindo a partir dessa data:

1- Que o nome civil, constituído por prenome e sobrenome é um dos principais direitos de personalidade ou direitos personalíssimos, e estes, segundo o Código Civil, são intransmissíveis e irrenunciáveis. O nome social é o nome pelo qual travestis e transexuais, femininos ou masculinos se reconhecem e preferem ser chamados. 2- Os estabelecimentos do Sistema Estadual de Ensino do Paraná deverão incluir, a partir do ano letivo de 2010, o nome social do aluno e/ou da aluna travesti ou transexual, maior de 18 anos, que requeira, por escrito, esta inserção, nos documentos escolares internos das escolas, tais como: espelho do Livro Registro de Classe, Edital de Nota e Boletim Escolar. No espelho do livro Registro de Classe, Edital de Nota e Boletim, será emitido, automaticamente, do Sistema SERE WEB, apenas o nome social pelo qual o aluno e/ou a aluna travesti ou transexual se identificam. 3- A declaração de solicitação de inserção do nome social do aluno e/ou da aluna travesti ou transexual nos documentos escolares internos deverá ficar arquivada na Pasta Individual do aluno e/ou da aluna. (PARANÁ, 2010a, s/p)

Na orientação pedagógica (PARANÁ, 2010b), destinada aos estabelecimentos de Ensino da Rede Pública Estadual de Educação Básica, com base na mesma Instrução Conjunta (PARANÁ, 2010a), a mesma reforça alguns itens bastante relevantes:

[...] 2. O nome social é o reconhecimento de pertencimento da identidade de gênero das/dos travestis e transexuais. Sendo assim, fica instituído o uso do mesmo a fim de garantir o acesso e a permanência dessa população em todos os estabelecimentos de ensino da Rede Pública Estadual do Paraná e, principalmente, para possibilitar a garantia do direito constitucional à educação pública e de qualidade a todas/os as/os cidadãs/os. 3. Ao solicitar o direito de inclusão do nome social nos documentos escolares, por meio de declaração escrita, esses sujeitos terão que ser respeitados em relação a sua autoidentificação. Portanto a escola deve garantir o sigilo em relação aos documentos em que constem o nome cível da/o aluna/o bem como quanto à declaração em que o uso do nome social for solicitado. Esses documentos ficam arquivados na Pasta Individual da/o aluna/o e restritos à Secretaria da Escola não devendo ser publicados sem autorização expressa da/o referida/o aluna/o. 4. A/o aluno travesti ou transexual deverá receber tratamento respeitoso, ético de acordo com sua identidade de gênero (feminina ou masculina), por todas as pessoas envolvidas no ambiente

escolar, desde seu o primeiro contato em todos os espaços e relações que constituem as rotinas administrativas e as práticas pedagógicas, seja na secretaria, na biblioteca, no pátio, no transporte, na quadra da escola ou em sala de aula. A comunidade escolar, professores/as, pedagogas/os, diretores/as, alunas/os, funcionárias/os devem garantir o tratamento respeitoso em todos os espaços e ocasiões ao longo do processo de escolarização desses sujeitos. 5. Cada estabelecimento de ensino público estadual deve promover, por meio da equipe pedagógica, espaços ou ações pedagógicas que deem visibilidade aos sujeitos transexuais e/ou travestis como sujeitos de direitos e de maneira afirmativa a fim de desconstruir e superar preconceitos relacionados às pessoas com orientações sexuais e/ou identidades de gênero, que não a convencional – heterossexual, vítimas de desrespeito e/ou de violências cotidianas. Essas ações pedagógicas voltadas para a discussão destes temas devem ser inseridas nos Projetos Políticos Pedagógicos dos estabelecimentos de ensino. (PARANÁ, 2010b, s/p)

É importante lembrar que o sexismo evidente nas escolas pode acarretar uma consequência bastante preocupante: a evasão escolar. No vídeo *Encontrando Bianca* é possível constatar uma possibilidade neste fato, quando Bianca afirma que “às vezes eu acho que não vou conseguir acabar a escola”. Infelizmente, conforme nos aponta Peres (2005, 2009) a presença de discriminações tem culminado em expulsões e/ou abandono da escola.

## TEMA 02: Olhares para subjetividade

Já nos primeiros planos do vídeo *Encontrando Bianca*, a narração começa quando é apresentada uma cédula de identidade, centralizada especificamente na fotografia, que inicialmente nos mostra José Ricardo e que, lentamente, vai apresentando traços mais femininos até que, em seguida, a tela fica escura, nos dando a entender a passagem de José Ricardo para Bianca. Para Felicíssimo (2014), é “o seu afastamento (disjunção) da identidade masculina e a sua conjunção com a identidade feminina” (p. 185). A autora também nos chama atenção para o título do vídeo “Encontrando Bianca”. Para ela, “o verbo no gerúndio *Encontrando*, descreve uma ação processual, que se refere à transformação do sujeito José Ricardo em Bianca [...]” (FELICÍSSIMO, 2014, p. 200). E esta ação processual é o que Peres (2009) afirma ser uma feminilidade em construção:

A construção do corpo da travesti espelha-se na imagem feminina. Essa imagem, porém, em nenhum momento é tomada como acabada e absoluta, sempre variando, se processando, uma feminilidade em construção permanente que vai se transformando por meio das formas corporais, cada vez mais remodeladas pela ingestão de hormônios e aplicação de silicone, mas também pela depilação, maquiagens e adoção de maneirismos. (PERES, 2009, p. 254)

E essa construção do corpo é retratada quando Bianca relata seu primeiro dia de aula em que, ainda José Ricardo, foi à escola com as unhas pintadas de vermelho e que seus amigos “zoaram” muito com ela. E ela ainda afirma “mas não tinha como! Aquelas roupas de meninos, aquele cabelo, não tinha nada a ver comigo. Me sinto bem assim, como sou hoje. Sendo chamada pelo nome de minha atriz preferida (risos), Bianca!”.

Entretanto, fica evidente não apenas sua satisfação em ser chamada pelo nome de sua atriz favorita, mas também em relação ao processo de identificação feminina, como nos apresenta Felicíssimo (2014),

[...] nesse ponto da narrativa, verificamos que o sujeito se encontra em conjunção com o objeto-valor por ele desejado e valorizado: a identidade feminina; ele se torna Bianca. Cabe destacar que, assim como o pai estabeleceu uma identidade e um papel social para o filho, dando-lhe o nome de um reconhecido jogador de futebol, o sujeito Bianca confere a si mesma também o nome de uma personalidade. Assim, a referência à identidade torna-se também imbuída de um valor passional: a admiração, a afeição, o que nos dá vistas à face subjetiva da identidade de gênero. Nesse sentido, podemos perceber que a construção identitária deixa de ser determinada pela obrigatoriedade (dever-fazer), para se inscrever na ordem do desejo (querer-fazer). (FELICÍSSIMO, 2014, p. 187)

Na análise sobre o vídeo realizada por Pamplona (2012, p. 39), “torna-se pertinente considerar que o vídeo produz menos uma travesti, e mais uma mulher angelical, meiga em sua vestimenta, de roupas discretas, presilha no cabelo, cachecol no pescoço, parecendo mesclar uma feminilidade discreta”. Embora algumas travestis “[...] Ao verem a figura da travesti, na rua ou na televisão, é como se uma onda de encantamento se apoderasse delas, levando-as a desejar urgentemente se transformar para serem iguais ao modelo dado” (PERES, 2009, p. 254), no caso de Bianca, em um primeiro momento, o

vídeo também estaria reforçando para o “princípio da presunção da heterossexualidade” já mencionado e apresentado por Junqueira (2009, p. 31) e que, neste caso, seria a maneira como Bianca “tem seu corpo convidado a não se mostrar, a não se exibir, sob pena de protestos, violências e punições” (PAMPLONA, 2012, p. 37), ou talvez seja por se tratar de um ambiente escolar em que quaisquer alunos, independentes de sua orientação sexual não podem fazer dele um local de extravagância e sim, um local de respeito às diversidades.

Logo que iniciamos os primeiros contatos com o universo existencial das travestis, as primeiras impressões mostravam uma realidade aparente de alegria, beleza e glamour. Na medida em que fomos nos aproximando de suas vidas, através da construção de vínculos de confiança, amizade e respeito, entramos no universo de suas intimidades e **percebemos que a vida dessas pessoas não se pautava apenas pelo glamour**; por trás das primeiras impressões, foi sendo mostrado um universo complexo que trazia modos de estigmatização carregados de preconceitos e intolerâncias, vividos nas mais diversas relações que as travestis estabeleciam com as pessoas, com o mundo e consigo mesmas. (PERES, 2005, p. 191, grifo nosso)

Entretanto, por que devemos nos preocupar tanto com a aparência das travestis, transexuais e transgêneros? Este fato por si só não estaria reforçando um preconceito? Para Peres (2009), essa subjetivação de assujeitamento as levam a uma vulnerabilidade diante da vida, ficando “à mercê de qualquer forma de desrespeito, de abandono e descaso dos outros, das famílias, das escolas, dos currículos, enfim, das políticas públicas que possam promover a inclusão e o direito a ter direitos, logo, de exercer a cidadania” (p. 238-239).

## Considerações finais

O vídeo é uma importante ferramenta pedagógica, entretanto, não podemos pensá-lo apenas como um material singular e pouco instigante, considerado muitas vezes apenas como entretenimento em seu uso pelos professores, como nos afirmou Almeida (2004). E é sim um material que deve estar atrelado às pesquisas e análises mais atentas sob os olhares de diversas temáticas.

O vídeo *Encontrando Bianca*, que integra o DVD *Torpedo* é apresentado em um primeiro momento como um material de qualidade ruim quanto a sua estética comercial e, em seguida, traz animações de fotos que favorecem para uma despreocupação quanto à qualidade do mesmo por parte da equipe organizadora. Isto de certa forma reduziu bastante os custos em sua produção, porém com um montante de cerca de R\$ 1,8 milhão gastos (CHAGAS, 2013), pode ser bastante contraditório reduzir tanto os custos quanto a estética visual do material. É importante deixar claro que este é sim um ponto que se deve levar em conta, pois a péssima qualidade visual do material pode desmotivar o seu uso e desinteressar alunos e professores. Entretanto, mesmo que esta questão estético-visual não tenha sido levada em consideração pelos responsáveis na elaboração do material, ele está disponível e pode chegar a ser utilizado pelo professor em sala de aula.

A análise crítica do vídeo desvelou duas categorias temáticas: “Sexismo e heteronormatividade na escola e na família” e “Olhares para subjetividade”.

Nas discussões sobre sexismo e heteronormatividade na escola e na família, inseridas nas análises deste trabalho (TEMA 01), os vídeos reafirmam estereótipos e constroem as bases para o estabelecimento do que é considerado como aceitável, “normal”, e do que é diferente, a ser excluído. Uma das primeiras constatações observadas no vídeo foi a da segmentação de meninas e meninos nas atividades físicas da escola, especificamente como é mostrado no vídeo em estudo. Quanto aos estereótipos, o material traz evidentemente muitos elementos que nos remetem a uma preocupação quanto à violência sofrida (*bullying*) pela personagem.

Observa-se que há uma ausência tanto na interlocução entre a transfobia sofrida pela personagem e a figura de um adulto na intervenção de tais ações. Confirmando

assim um silenciamento, descompromisso e exclusão da escola, o que evidenciaria tamanha violência sofrida por tantas pessoas, principalmente no âmbito escolar.

O material do vídeo *Encontrando Bianca* consegue, num primeiro momento, fazer algo muito positivo quanto à dimensão estética da sexualidade, em que é possível perceber/sentir/compreender a passagem de uma sexualidade “vulgar” (todos os olhares de desprezo dos outros alunos) para uma sexualidade compreendida e vivida de forma positiva por meio de sua beleza, sem preconceitos e tabus (a travesti Bianca). Entretanto, essa percepção deixa de existir se tivermos um olhar malicioso dos personagens, não percebendo mais a sexualidade como algo positivo, mas sim por não se passar de uma estética negativa, ligada à pornografia.

No vídeo, ainda podemos destacar dois pontos importantes que retratam a violência, fortemente arraigada no ambiente escolar. O primeiro diz respeito ao uso do banheiro e o segundo, referente ao nome social. Destacamos aqui às ações tomadas no Estado do Paraná, pela Secretaria de Estado da Educação/Superintendência da (PARANÁ, 2010a, 2010b), que orientam toda a comunidade escolar quanto ao uso dos banheiros e em relação à adoção do nome social na escolas, por entendermos serem elas favoráveis ao nosso debate.

A dificuldade em se assumir na diversidade surge, portanto, nas discussões da segunda categoria, cujo olhar se dá para subjetividade das personagens (TEMA 02). Durante a trajetória da análise pertinente a essa temática, observa-se que as personagens que vivem num ambiente escolar predominantemente heterossexual temem pela descoberta da sua identidade de gênero. Fruto de um impedimento (uma norma) da própria escola.

Pode-se concluir que no material analisado, o preconceito é evidente na escola e esses conflitos não avançam para uma discussão traduzindo, assim, o ambiente escolar em um estabelecimento de padrões e comportamentos fixos e imutáveis, ainda que utilizado para discutir a diversidade. Entretanto, acreditamos que seja importante a partir dos olhares do professor e dos alunos que podem e devem questionar sobre todos os aspectos apresentados, principalmente os relacionados à temática da sexualidade, o aprendizado para uma resignificação do material. Afinal, como todo material midiático, quando somos capazes de identificar suas mensagens ideológicas, sua utilização

pedagógica encontrará sentido quando realizada a partir da reflexão sobre o real, atribuindo novos significados para as experiências apresentadas, possibilitando novas discussões para o desenvolvimento de diretrizes e princípios filosóficos, éticos e políticos emancipatórios.

## Referências

ABREU, Neíse Gaudêncio. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de educação física escolar. In: ROMERO, Eliane (Org.), **Corpo, mulher e sociedade**, SP: Papyrus, 1995, p. 157-176.

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 3 ed., São Paulo: Cortez, 2004.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na educação física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70, 2007.

CAVALEIRO, Maria Cristina. **Feminilidades homossexuais no ambiente escolar: ocultamentos e discriminações vividas por garotas**. 2009, 217f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

COUTO, Edvaldo Souza. **Transexualidade**: o corpo em mutação. Salvador: GGB, 1999.

CHAGAS, Angela. Dois anos após veto, MEC diz que ainda 'analisa' kit anti-homofobia. **Terra**. 17 maio 2013. Disponível em: <[http://noticias.terra.com.br/educacao/dois-anos-apos-veto-mec-diz-que-ainda-analisa-kit-anti-homofobia,62a3a67b302be310VgnVCM10000098cc\\_eboaRCRD.html](http://noticias.terra.com.br/educacao/dois-anos-apos-veto-mec-diz-que-ainda-analisa-kit-anti-homofobia,62a3a67b302be310VgnVCM10000098cc_eboaRCRD.html)>. Acesso: 08 maio 2014.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos?** A separação entre meninos e meninas na Educação Física escolar na perspectiva de gênero. 2007, 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2007.

DORNELLES, Priscila Gomes. Marcas de gênero na Educação Física escolar: a separação de meninos e meninas em foco. **Revista Motrivivência**, n. 37, p. 12-29. dez, 2011.

EGYPTO, Antonio Carlos. **Sexo, prazeres e riscos**. São Paulo: Saraiva, 2005.

ENCONTRANDO BIANCA. 3º de 3 Filmes Oficiais do Kit Gay do MEC: "Encontrando Bianca". Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fVGSrP-W3OM&feature=related>> Acesso em 07 de agosto de 2011.

FELICÍSSIMO, Manuella. **(Re)apresentações da homofobia e da homossexualidade**: um estudo discursivo a partir de vídeos do kit “Projeto Escola Sem Homofobia”. 2014. 301f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FERRARI, Anderson. Esses alunos desumanos: a construção das identidades homossexuais na escola. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n.28, p.87-111, jan./jul., 2003.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina, PR: Eduel, 2007.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3 ed. rev. e atual. Londrina, PR: Eduel, 2010.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**. Campinas, SP: Unicamp, v. 14, n.3 (42), p. 89-101. set/dez, 2003.

GONÇALVES, Eliane. Preconceitos, fobias e outras sombras que pairam sobre a educação sexual. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Editora Gente: Cores - Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999. p. 197-204.

JUNQUEIRA, Rogério. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, R. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas

escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009a, p.13-52.

JUNQUEIRA, Rogério. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo. In: JUNQUEIRA, R. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009b, p. 366-444.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma abordagem pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-94.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade**: mitos e verdades. Salvador: GGB, 2003.

NUNES, Cesar; e SILVA, Edna. **A Educação sexual da criança**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

PAMPLONA, Renata Silva. **O kit anti-homofobia e os discursos sobre diversidade sexual**. 2012, 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO. SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL. DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR. **Instrução conjunta n. 02/2010 – SEED/SUED/DAE**. Curitiba, 2010a. Disponível em:  
<<http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/instrucoes/instrucaconjunta022010.pdf>>  
Acesso em: 10 out. 2014.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO. DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE. **Orientação pedagógica nº 001/2010 – DEDI/SEED**. Curitiba, 2010b. Disponível em:  
<[www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/orientacoes/orientacaopedagogica012010.pdf](http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/orientacoes/orientacaopedagogica012010.pdf)>  
Acesso em: 10 out. 2014.

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. 2005. 201f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2005.

PERES, Wiliam Siqueira. Cenas de Exclusões Anunciadas: travestis, transexuais, transgêneros e a escola brasileira. In: JUNQUEIRA, Rogério. (Org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 235-264.

SILVA, Ricardo Desidério. **Educação audiovisual da sexualidade: olhares a partir do Kit Anti-Homofobia**. 2015, 144 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2015.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de, ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex: corpo e educação**, n. 48, p. 52-68, ago, 1999.

VASCONCELOS, Naumi. **Os dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

Recebido em: 10/01/2016  
Aprovado em: 09/03/2016

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Revista Linhas  
Volume 17 - Número 34 - Ano 2016  
revistalinhas@gmail.com